

ASSIGNATURAS  
 ANNO . . . 20\$000  
 SEMESTRE . . . 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

# OS ANNAES

ESCRITORIO  
 RUA I. DE MARÇO, 28.

OFFICINAS  
 RUA DE S. JOSÉ, 25

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

## CHRONICA POLITICA

A *Brazilian Review*, que sabe ler por cima lettras financeiras, esboçou com mão de mestre a situação do mercado monetario, assignalando com precisão as causas eventuaes da ascensão do cambio á proximidade da casa dos dezeseite, havia muito abandonada, por inacessivel. E, prognosticando desillusões, desastres tocados a meia tinta, discretamente, no fundo esfumado da payzagem, pleiteia a estabilidade do cambio, como o meio unico racional de salvaguardar os interesses economicos e mercantis interessados no problema.

Estamos numa quadra de vaccas engordadas pelo dinheiro estrangeiro, importado em empréstimos aos Estados, agua de János, cujos efeitos virão, mais tarde, produzindo, de norte a sul, uma dôr de barriga que sómente, encontrará remedio na pharmacia do thezouro nacional, nas enfermarias onde são tratados illustres enfermos chronicos, como o Banco da Republica e respectivos filhotes.

Quando acabar esse milho, devorado pela ganancia da politica dos governadores, guélas de ema, capazes de devorarem pedras, ficarão magras as vaccas do rebanho nédio, que o governo federal está exhibindo, como demonstração brilhante, incontestavel, da sua vasta capacidade financeira, dos seus planos engenhosos, do zelo e da probidade da administração.

A phenomenal subida do cambio indica, na opinião dos financeiros indigenas, a restauração do organismo economico, havia muito fóra dos eixos, o equilibrio e a vitalidade das forças que o impellem para uma nova éra de prosperidade, de reparação definitiva da série de desastres tratados com expedientes perigosos.

O cambio trepará a casa do dezeseite, dos dezoito, dos vinte dinheiros. Se isto não saciar a legitima

sêde de gloria do governo, basta pedir mais por bocca a quem possúe os cordões da tabella; elle subirá á vontade. E o presidente da Republica poderá escrever numa pagina de oiro da sua mensagem ao proximo Congresso: «Tenho a satisfação de annunciar-vos que o cambio, agarrado como ostra ao rochedo dos doze dinheiros, soffren da nossa possante mão um peteléco que o atirou a taxas jámais atingidas pelos meus honrados antecessores. Assignalando com justo desvanecimento esse facto auspicioso, não preciso pôr mais na Carta para dar-vos o justo padrão dos esforços empregados para o restabelecimento das forças productivas e do credito da Republica e consequente desenvolvimento do paiz.»

À galeria applaudirá, com vehemencia, essa victoria ephemera, cujos deslumbramentos passará como fogos de artificio, como um sonho venturoso, desfeito aos clarões da verdade implacavel.

\* \*

Um fundo sentimento de justiça nos impõe affirmar que o honrado presidente da Republica não participa da illusão. S. ex., que já foi tudo, até ministro da Fazenda duas vezes, conhece por experiencia pessoal os segredos do mechanismo; sabe por onde se pucham os cordões dos bonecos do João Minhoca da politica; e não é estranho ao doloroso aspecto da planicie desolada, onde se estorcem, exangues, o commercio, a lavoira, as forças productivas.

S. ex. conhece as causas desse assombroso contraste da riqueza do erario, um monstro insaciavel, alimentado pelo sangue dos contribuintes, pela seiva do trabalho, correspondendo á miseria nacional, pelo exgottamento dos propulsores da actividade productiva, pela falta absoluta dos salutaes elementos de existencia.

Os chocalhos alviçareiros da ascen-

ção do cambio eclôam num ambiente de tristeza dos prejudicados pela rapida desvalorisação do oiro, a grande maioria do commercio honesto, vendo vacillar, dia a dia, a base das suas operações, não dispondo de um só instituto bancario que, na praça do Rio de Janeiro, lhe desconte uma lettra, nem podendo appellar para os bancos estrangeiros, de burras fechadas, indifferentes ao mercado monetario, reduzidos ao papel de espectadores da subida do cambio, murmurando, numa ironia perversa de garotos: cáe, cáe, balão!

Emquanto o brioso commercio exgotta as derradeiras energias da sua honorabilidade, os felizes que se supprimiram aos azares e contingencias do trabalho, aproveitam, avidamente, as valvulas abertas para a drenagem do seu capital para o exterior. Milhares de contos de réis, represados pelas taxas baixas, desbordam pelas fendas do dique, em caudaes fugitivas dos canaes da circulação, deprimindo-lhes o nivel. O oiro, atraído pela especulação, roça apenas pela superficie do territorio nacional; não o penetra, não o fertilisa; é absorvido pela procura exuberante dos que partem, dos que deixam o Brazil, conduzindo a torrente do loiro metal ás suas origens longinquas. O oiro, que fica, não entra na circulação; é avaramente guardado para ser vendido, quando o balão do cambio rebentar queimado nas alturas vertiginosas.

O honrado presidente sabe que essa elevação de taxas, ao passo que perturba as operações commerciaes, depreciando, ao mesmo tempo, o valor da producção nacional, como o café, a borracha, nenhuma vantagem offerece ao consumidor, porque os preços dos artigos de primeira necessidade, na perspectiva de incerteza, de instabilidade do padrão monetario, se mantéem estacionarios senão aggravados pelas condições de procura que é permanente e da offerta, que obedece ás va-

cillações do mercado monetario. Por isso, sobem os preços da carne e da farinha, do nosso de comer, todo importado e governado pelo monopolio implacavel. Um metro de seda, nesta quadra de cambio a dezeseis dinheiros, permanece do mesmo preço do cambio a doze. A calça de casemira ordinaria não custa menos de trinta mil réis. E todos os artigos indigenas, protegidos a pretexto de favorecer a industria nacional, com a exclusão dos similares estrangeiros, vão augmentando de preço: isto acontece com os sapatos, com os tecidos de algodão, com os phosphoros monopolisados ultimamente por um *trust*, vendidos pelo dobro dos de origem estrangeira, donde vêem o palito, a massa, a caixa, os rotulos, de sorte que essa industria se redúz a uma simples confecção.

Assim, nem o commercio, nem a industria, nem os consumidores participam das extraordinarias vantagens, do phenomeno aleatorio, que repercute, com jubilos, nas altas regiões.

\*  
\* \*

Opulencia por cima, miseria por baixo: tal é a deducção dos factos que o honrado chefe da Nação conhece melhor que ninguem. O thezoiro nacional está folgado para occorrer a todos os compromissos do Estado; está vigoroso á custa da transfusão do sangue do contribuinte que as frequentes, as abundantes sangrias depauperaram.

Não attribuímos isso ao governo actual, nem pensamos que elle possa, agóra, remover um mal que tem razoes velhas em antigos vícios chronicos; entendemos, porém, que a situação não se caracteriza pelo cambio, que muita gente, mettida a estudos financeiros, já classificou — thermometer para aferir a temperatura do organismo economico. Elle será sempre um elemento instavel; estará subordinado á influencia de accidentes, emquanto não sanarmos a nossa moeda absurda, emquanto não restaurarmos o credito sobre bases solidas, estabelecendo garantias ao capital estrangeiro, avigorando os mananciaes onde o commercio e a industria venham haurir seiva fecunda.

E' indispensavel que o errado regimen tenha um termo, e, para isso, é ne-

cessario interromper, com um grande impulso patriotico, a tolerancia criminosa, surgindo um estadista bastante ousado para quebrar a crôsta da rotina, dando á administração novos moldes, de sorte que ella não se limite a arrecadar, com feroz ganancia e a despender com avareza, desdenhando, absolutamente, a parte economica do problema, respeito aos meios de promover o desenvolvimento da riqueza publica.

Saldos orçamentarios que tresandam a coiro e cabellô do contribuinte, não bastam para affirmar a prosperidade da Nação. Além disso, esses saldos nada significam, quando todo o mundo sabe que o thezoiro não computa nos seus balanços, grande numero dos seus credores nacionaes, principalmente aquelles cujo direito está consagrado por sentenças do mais elevado tribunal do Paiz, porque o governo não cumpre as precatorias de pagamento.

O governo, exgottadas todas as alicantinas de chicana, traça no rosto dos autos um *G* fatidico, que significa — guarde-se, fique com pedra em cima.

Esse procedimento de rebeldia á execução de sentenças envolve uma suspeita á honorabilidade dos tribunaes; e, se o governo dá esse exemplo de desconfiança, não pôde pretender que o capital estrangeiro venha fertilisar uma terra, onde a justiça é uma instituição desmoralisada para o proprio governo.

Ora, é para esses vícios, em cujo amago não ousamos penetrar, os vícios da administração, os vícios do systema financeiro colonial, que invocamos a attenção do honrado presidente da Republica. Empreghenda (com licença da palavra) uma revolução benefica, inspirada pelos dictamês da sciencia e applicando os processos que s. ex., illustrado como é, conhece de côr e salteado.

E' urgente atacar as causas dessa anomalia — thezoiro rico, desbordante; commercio fallido, industria miseravel, no paiz mais rico do mundo em fontes de producção.

E' urgente, emquanto as vaccas não emmagrecem.

POJUCAN.

## O SENTIMENTO TRAGICO NO SEculo XIX

§ 6º

Hall Caine affirma que o romance do futuro será religioso no mais elevado sentido da palavra.

Terá razão o naturalista inglez, si o termo — religioso — fôr tomado como synonymo de sentimento agudo da vida. Mas para que a litteratura possa percorrer este novo estadio, será preciso escorraçar o pessimismo de que a escola de Zola a inficcionou, durante o ultimo quarto do seculo findo.

Não sejam estas minhas palavras tomadas, em sentido absoluto, como depreciação da obra gigantesca de quem escreveu a *A Terra e Germinial*, onde não sei o que mais admirar, si o dantesco do meio, em que se agitam os personagens, si o aspecto epico de figuras arrancadas da massa popular, como Buteau, o velho Fouan e Chaval.

A allusão attinge apenas a parte systematica e manca dessa obra, que foi justamente o que caíu na moda e cobriu as imitações de uma verdadeira lepra litteraria.

Não era só o sensualismo que perdia essa corrente esthetica: era o mais soberano despreso pela personalidade humana, por essa personalidade que tem constituido o apauagio das grandes epochas litterarias. Que maior gloria podia haver, então, para um auctor novel do que, á fiusa de sciencia, inverter o papel historico do homem, fazendo-o regressar á besta?!

Essa mania não inficcionou sómente os latinos; influiu tambem sobre os povos teutonicos, que ainda agóra a estão expungindo da sua litteratura.

Em Berlim, foi moda pôr o homem de quatro pés, dando accesso ao que existe de mais ascoroso na animalidade.

«Assim, diz H. Schoen, nos escriptos dos novos auctores allemães daquelle tempo encontraram-se bellezas desta ordem: — uma «vacca sonhia um maravilhoso agacho na esterqueira»; o sol «escarra as suas entranhas de estrellas no porão da noite»; o astro é como «uma laranja podre que estoirando lança de si um fedor insupportavel»; o «firmamento transforma-se num hirsuto mandrião». (1)

Já é hoje difficil acreditar que taes audacias pudessem encontrar criticos para amparal-as como expressão symptomatica de futuras genialidades.

Não tardou que do esterquilinio, onde as vaccas sonhavam com a santa Aveia, os mais recentes, dentre os esthetas, que se esparrinhavam no atoleiro da vida que *não valia a pena ser vivida*, ascendessem, de subito, para o Sete Estrello.

Então, as capellas e os claustros,

inclinando-lhes o gosto para as fórmas poeticas dos rituaes catholicos, irritaram o espirito critico dos transformistas, que encontravam nesse facto uma razão justificativa da theoria dos decadentes.

A moda foi-se; mas o residuo ficou.

Todavia, o verdadeiro sentimento da vida, como da vida intensa, da vida integral, dessa vida que Ruskin considerava a unica riqueza do homem, a creadora da religião da Belleza; esse sentimento, enchendo o seculo e provocando as mais absurdas reacções, ora do espirito de seita, ora do espirito universitario, ora da vagabundagem mental, victima dos primeiros, achou talvez meio de dissolver as tristezas aguçadas por semelhante litteratura, creando a escola da energia.

### § 7º

Não bastava emergir do cahos do pessimismo. Era preciso, mais do que isso, orientar-se em busca de um mundo que fôsse, ao mesmo tempo, a expressão da vida e da belleza como seu reflexo.

O seculo XIX, como nenhum outro seculo, trabalhou para fixar os meios de coordenar as sensações estranhas, que derivam desse novo aspecto da arte.

E' ao poeta do *Corvo* que se deve a a primeira tentativa da esthetica do futuro.

Na sua opinião, a obra d'arte resulta de uma auto-sugestão. A poesia é um sonho, em que a realidade se nos revela desapparelhada das materialidades, que lhe tiram a alta significação tragica. Este sonho não é perfeito sinão em cerebros superiores. A sua eclosão depende da superioridade da attenção, applicada ao subconsciente.

Dahi, o dizer elle que não ha pensamento, por mais mysterioso, que não tenha traducção na linguagem. (2).

Si é verdade que a observação é quem ministra os factos, cabe ao temperamento do poeta imprimir caracter nesses factos, desde que passem a ser manipulados para os fins da representação. E' preciso, pois, que o artista se desdobre e vá buscar a situação phychica de que carece, para dar intensidade ás suas representações, nos horizontes bruxoleantes da vida, uma especie de allucinação consciente, durante a qual os factos normaes se apresentam ao espirito pelo lado assombroso e espectral.

Propria ou imprópriamente era a isso que E. Poë chamava *phantasia*. A semelhante processo de auto-sugestão elle attribuía uma delicadeza extrema. Para designar o phenomeno, usava da expressão — *shade of shades*, espectros de espectros.

Não fôram de outra especie, em seu conceito, as forças interiores que no

theatro shakespeareano presidiram á elaboração das figuras de Hamlet, Lear, Othelo, Ricardo III, Yago, Antonio, Macbeth

Estas sombras erigem-se, de subito, no centro da alma artistica. Mas para que o poeta consiga destacal-as do ambiente em que primeiramente as entreviu e lhes dê vida litteraria, é indispensavel que se tenha collocado na situação de um perfeito equilibrio de espirito, de lucidez artistica, durante o qual os cinco sentidos são, por assim dizer, transformados em «cinco myriadas de sentidos sublimados».

(Conclusão)

ARARIPE JUNIOR.

(1) H. Schoen, *Hermann Snderman*, pag. 18. Pariz, 1904.

(2) E. Poe, *Works* (Ed. Ingram, Edinburgh, 1890) vol. III (Marginalia)

## A MURALHA (\*)

COELHO NETTO  
PEÇA EM 3 ACTOS

— — —  
*A Arthur Azevedo*

### PRIMEIRO ACTO

#### SCENA V

OS MESMOS, SERGIO E CAMILLA

*Sergio e Camilla entram pela esquerda*

SERGIO

Ora viva s. a. o principe de Bolsa!

NARCISO

Como vâes?

*Abraçam-se. Estella aproveita o momento para sair pelo fundo.*

SERGIO

Como hei de ir? E tu? Temos, então, outra companhia?

NARCISO

E' verdade... Uma tentativa...

SERGIO

Lamento não poder ficar com um milheiro de acções, porque andar contigo é como acompanhar a Fortuna.

NARCISO

Nem tanto. Tenho tido prejuizos avultados.

SERGIO

Folhas seccas que vôam, logo apparecem renovos e a arvore das patacas cada vez mais frondosa. Se me dêsse algumas sementes...

NARCISO, *sorrindo*

A semente é o trabalho...

SERGIO

E' a sorte...

CAMILLA, *arranjando os ramos*

E' a ousadia.

NARCISO

Só bem este anno para Petropolis...?

SERGIO

Os tempos não estão para isso... (*Camilla*

*tem um gesto de contrariedade* :) Demais, o Rio está encantador, apesar da poeira e das escavações. Petropolis é um jardim e eu prefiro os pomares. Tu é que tens uma propriedade ideal.

NARCISO

A da Tijuca?

SERGIO

Sim.

NARCISO

Está ás tuas ordens. (*Relanceando o olhar pela sala á procura de Estella* :) Se as senhoras quizessem passar o verão á sombra daquellas arvores...

CAMILLA

Não nos tente, commendador...

NARCISO

E' mais que um offerecimento, é um pedido. A casa é vasta, o parque é admiravel. Tinha gosto o inglez que edificou aquella residencia... (*Outro tom* :) D. Estella retirou-se... talvez incommodada... Tambem, a ouvir-me durante um quarto de hora.

CAMILLA

Qual! Que idéa! Foi, com certeza, dar alguma ordem. Com os creados que temos é necessario andarmos com todos os sentidos alerta. (*Vae ao jardim e olha sem disfarçar um movimento de contrariedade. Desce*)

NARCISO

Mas, voltando ao assumpto que me interessa. Como sabem, tive a chacara da Tijuca alugada...

SERGIO

Sim.

NARCISO

Não imaginam como deixaram aquillo! A casa estragada, o jardim devastado. Um lindo tanque de rocalha, que havia sob um caramanchel de rosas, ficou em destroços. Creio até que a lenha que consumiam era tirada da matta. Ainda achei uma jaboticabeira perto do alpendre, já detorada, secando para ser fendida em achas. Uma devastação! Metti obreiros e reformei, reparei a casa e o parque. E não quero saber mais de inquilinos. Terei aquillo como um retiro de verão, um sitio de repouso onde possa receber amigos. Tu, com o teu amor ás arvores, vâes acabar o que eu comecei... As senhoras darão áquella residencia melancolica, a alma que lhe falta, attraíndo os passarinhos, que abalaram assustados, talvez revoltados com a perversidade da gente que lá viveu. Para mim, ha o pavilhão. Conhecem?

CAMILLA

A' entrada do bambual, perto da primeira nascente.

NARCISO

Justo.

SERGIO, á *Camilla*

Que dizes?

CAMILLA

Eu? mas que hei de dizer?... que o commendador é a propria gentileza?

NARCISO

E v. ex. seria a propria Bondade se se resolvesse a fazer o beneficio de levar a alegria áquella tapera tristonha.

SERGIO

Pois está resolvido! Vamos passar o verão á Tijuca. Dá-me as tuas condições...

NARCISO  
São formidaveis ! Exijo que demonstrem o que eu estou farto de repetir : que os ares da Tijuca prolongam a vida.

SERGIO  
Queres que festejemos o centenario ?  
NARCISO  
A' sombra daquellas arvores. (*Riem*). Bem, então...

SERGIO  
Até á noite. (*Camilla entra apressadamente á esquerda*).

NARCISO  
Não é possível.

SERGIO  
Como ? e o conselho de familia ? Vou submeter a votos a tua proposta e como é natural que as Laranjeiras tenham defensores...

NARCISO  
Se é assim... virei para bater-me pela Tijuca. (*Riem*).

*Camilla reaparece acompanhada de Estella.*

CAMILLA  
Conte com dois votos...

NARCISO  
Que representam a vontade. (*A' Estella* :) Peço perdão a v. ex. da grande maçada...

ESTELLA  
Maçada, commendador...?

SERGIO  
Então até á noite.

NARCISO  
Vou fazer o possível.

*Acompanham-no ao jardim. Narciso toma a direita, Estella toma a esquerda; Camilla e Sergio voltam á sala.*

## SCENA VI

CAMILLA E SERGIO

CAMILLA, falando consigo :

Essas eternas educandas...!

SERGIO, radiante .

Então ?

CAMILLA

Um achado !

SERGIO

Um verdadeiro achado !

CAMILLA

Eu já andava preocupada com a nossa saída este anno. Tinha pensado em Friburgo...

SERGIO

Friburgo, com vinte e quatro mil réis...!

CAMILLA

O dinheiro havia de apparecer...

SERGIO

Ah ! sim...

CAMILLA

Felizmente, temos coisa melhor...

SERGIO

E mais em conta.

CAMILLA

Pois sim, mas veja lá se váe fazer, como é seu costume, com que todos saibam que recebemos um obsequio.

SERGIO

Olha que um obsequio do Narciso é uma honra.

CAMILLA

Qual honra ! E' dizer que estamos passando o verão na Tijuca, na propriedade do

Narciso... Que o nome figure apenas como endereço, entendes ? (*Outro tom* :) Receberemos aos sabbados.

SERGIO

Heim ? recepções ! E eu que contava fazer umas economias para resgatar, pelo menos, o meu relógio...

CAMILLA

Depois. Para que queres tu um relógio ? para ver as horas ?

SERGIO

Não, por causa da dedicatória do Simas...

CAMILLA

Ora o Simas... O relógio virá, virão as joias ; não te aprêsses...

SERGIO

Decididamente, tens illimitada confiança na Providencia...

CAMILLA

E nunca me tem faltado. Não a viste sair...?

SERGIO

O Narciso ?

CAMILLA

E' a Providencia disfarçada em banqueiro ou talvez em...

SERGIO

Em que ?

CAMILLA

Nada. Tu és, ou, antes, foste homem de negocio e sabes que, na vida commercial, o mais simples sorriso que se dá envolve um interesse, e uma chacara, um palacete, creados, talvez a despensa e a adega sempre representam mais alguma coisa do que um sorriso.

SERGIO

Descobriste algum interesse no offerecimento do Narciso ?

CAMILLA

Creio que sim.

SERGIO

Qual é ? dize.

CAMILLA, sorrindo :

Váe ver os teus chrysanthemos.

## SCENA VII

OS MESMOS E CARLOS

*Carlos entra estabnadamente, deixa o chapéo e jornaes sobre um movel e atira-se a uma cadeira, derreado, arquejando, como em grande fadiga.*

CARLOS

Que dia !

CAMILLA

Arranjaste alguma coisa ?

CARLOS

Uma enxaqueca.

SERGIO

E o Seixas ?

CARLOS

Foi a Petropolis.

CAMILLA

Com quem almoçaste ?

CARLOS

Commigo

SERGIO

Estás funebre, rapaz.

CAMILLA

O que não convém em dia de festa, como o de hoje.

CARLOS

Ah ! sim... minha mulher faz annos. Tambem é a unica coisa que faz.

CAMILLA

E não é pouco, meu filho. Eu, se não tivesse cumprido tão á risca essa obrigação, não estaria cheia de cabellos brancos.

CARLOS

E de S. Paulo ?

SERGIO

Vieram jornaes apenas. Deixa lá, homem, não te amofines. Que diabo ! uma lettra protestada é uma batalha perdida. Sê forte. Nem ha receio de que a praça seja tomáda pelo inimigo, porque está sob o pavilhão respeitavel do nosso compadre Bento. Tua mãe vê longe...

CARLOS

Eu pretendia ir hoje á noite á casa do ministro, ver se consigo alguma coisa. Já perdi a esperanza de arranjar collocção nas obras do porto e na Avenida... Exigem tantos conhecimentos...!

CAMILLA

E tu és ainda do tempo da simplicidade : váes confessando ingenuamente a tua ignorancia. E' um erro, Carlito. Um homem sabe sempre !

CARLOS

Ainda que não saiba ?

CAMILLA

Certamente. Affirmar a verdade é de todos, affirmar a mentira é dos fortes. Se o ministro interrogar-te sobre as tuas habilitações, dize-lhe que sabes tudo, que fazes tudo... e váe aprender ganhando. Porque nessas grandes empreitadas ha os que dirigem, ha a leva immensa dos anonymos que trabalham e ha os apaniguados — ~~são~~ em regra, os que mais avultam, os que mais se exhibem — enfeites, não cobrem nem aquecem, apenas ornem e dão valor á empreza com a reclame. Tu tens grandes habilitações para esse emprego. Trata de arranjal-o e pede logo accesso. (*Outro tom* :) E agora desannuvia-te e vamos pensar em coisas alegres. Queres uma boa noticia ? Vamos passar o verão na chacara do Narciso.

CARLOS

Como ?

CAMILLA

Elle convidou-nos. Bem vês que o dia não foi dos peiores. Váe morar connosco, e tu, se tiveres tino, podes, em breve, ser um nome na finança. Queira o Narciso lançar-te. O diabo é o teu genio. E's um seccarrão, sempre de máu humor, com velleidades ridiculas de independencia. O proprio mar abaixa-se para formar a vaga. Que diabo ! ha o adular servil e ha o domar astuto. Faze-te domador.

SERGIO, rindo

Faze-te domador, ouviste ? (*Sae ao jardim*).

CARLOS

Papae não se move, é sempre mettido em casa ou no jardim, a podar, a enxertar, a mergulhar... um jardineiro. Se lhe peço uma apresentação, responde com uma desculpa.

CAMILLA

Teu pae é dos que cáem e nunca mais se



levantam -- tu és inflexível, elle é molle. Conforma-se, qualquer situação convém-lhe, acceita a fortuna sem alvoroço e entra pela miseria sem desalento. Não fôsse eu e já estaríamos em alguma casota de bairro pobre, vegetando humildemente como decados. Eu é que mantenho a casa com o espirito calmo de quem sabe que tudo depende de uma volta da fortuna. E' preciso ficar na monção da riqueza; deixar a linha por um desgarrão é perder as probabilidades da reabilitação. Com sacrificio, com angustia, lançando mão de todos os ardís, eu aqui estou e aqui fico.

CARLOS

A senhora é uma organização formidável.

CAMILIA

Tenho a ambição, que é uma energia.

SERGIO, *no jardim, fulando para a esquerda:*

Clara! traze dahi a tesoura...

CARLOS, *levantando-se:*

Bem; vou descansar um bocado para poder resistir á maçada da noite. Oh! a noite de hoje! (*A creada executa a ordem de Sergio.*)

CAMILIA

Dêste o meu bilhete ao Fertosa?

CARLOS

Dei.

CAMILIA

Então os jornaes da tarde devem trazer a noticia.

CARLOS

Com certeza. Até logo...

CAMILIA

Já falaste á tua mulher?

CARLOS

Não. Estou com a cabeça a estalar. (*Entra á esquerda.*)

## SCENA VIII

CAMILIA, ESTELLA E SERGIO, *no jardim.*

*Estella, saindo da esquerda, no jardim, aproxima-se de Sergio, com quem conversa um instante. Camilla toma os jornaes deixados por Carlos sobre o console, senta-se e, abrindo-os, percorre-os ligeiramente com o olhar. Estella entra.*

ESTELLA, *procurando:*

Carlos...?

CAMILIA

Foi repousar um pouco. Está com a enxaqueca. (*Fitando-a reprehensiva:*) Tu, Estella, sempre a mesma; não te corriges.

ESTELLA

Não o supporto, mamãe. E' com repugnancia que lhe estendo a mão. As suas amabilidades affrontam-me. Não é um amigo, como parece — é um traídor.

CAMILIA

As grandes palavras sensacionaes: traídor!

ESTELLA

Sim, senhora — traídor. E' um homem ante o qual o meu pudor revolta-se. O seu olhar desnuda, insinúa-se lascivamente; eu sinto-o percorrer-me todo o corpo. As suas palavras arrastam-se mollemente como lesmas. E' um homem que incommóda e vexa. Parece estar, a todo o instante, abrindo a carteira para que se lhe vejam as notas. Não posso! Se eu dissér que elle accusou Car-

kito...

CAMILIA

Accusou? de que?

ESTELLA

De perfidias. Deu-me a perceber que o tem visto em orgias. Com que intenção carrea para a minha casa, para minha ignorancia, os desvarios de um marido? para estimular o despeito e impôr-se como uma represalia.

CAMILIA

Deixa-o falar. Ouve e sorri.

ESTELLA

Não posso!

CAMILIA

Porque?

ESTELLA

Não protestar contra a affronta é submeter-se e... eu tenho escrupulos.

CAMILIA

Ah! escrupulos... tens escrupulos? Escrupulos são cuidados que se pôdem ter nos pequenos contra-tempos; na hora da catastrophe, o que se quer é audacia. Sob uma chuva que molha, caminha-se cautelosamente, saltando o enxurro, evitando as poças; mas através do temporal, com a cheia, ninguem pensa em salvar as botinas nem em perder os vestidos — arroja-se temerariamente, procurando abrigo. E' preciso vencer? vencamos! como? vencendo!

SERGIO, *falando para a esquerda:*

Manda cá o Manoel!

ESTELLA

Não, mamãe; eu não penso assim. Acima de tudo, a honra.

*O jardineiro atravessa o jardim da esquerda para a direita, e vê ter com Sergio.*

CAMILIA

A honra...! Que é isso? Um homem honrado, que é? Em geral, só se invoca essa sonóra palavra na hora da angustia — é como um viatico. Pensas que é uma folha corrida? é uma certidão de obito. Honra... Vês um desgraçado que trabalha, que passou toda a existencia a extenuar-se exgottando o cerebro, fundindo a alma, desfazendo-se em energia, medindo a razão, arrepanhando farrapos, esquecido em lobrega mansarda, entre filhos que pedem pão e tiritam de frio, fazendo pela gloria da sua terra o que devia fazer pelo conforto da sua vida, e dizes: é um martyr. E' um tolo! O primeiro dever do homem é cuidar de si — a arvore só dá sombra depois que toda se enfolha. Morre esse desgraçado; que lhe dão? a corôa civica e a legenda: Honrado. Eu desconfio sempre dos homens honrados — em regra, não passam duns pobres diabos... Honrado é um euphemismo como sympathica — esconde a falta de pão, como o segundo attesta a falta de belleza. No collegio, falavam-me, com verdadeira veneração, desse mytho — a honra. Saí para a vida, procurei-o e só o achei um dia, num funeral, servindo de eça a um martyr. Honra... Não te fies em palavras. A palavra illude. Honra é um excellente *pendant* para a Gloria — formam as parallelas que se perdem na miseria.

SERGIO, *ao jardineiro:*

Agóra aqui...esta roseira.

ESTELLA

Quer mamãe dizer que eu devo ouvir, sem protestos, todos os galanteios, todas as palavras inconvenientes...?

CAMILIA

Não ha palavras inconvenientes, menina. As palavras passam por nós como transeuntes pela rua — nós só recebemos as que nos convém receber. Se ficares á janella, verás passar de tudo — o homem elegante e o êbrio, a mãe que váe levar o filho ao collegio, a mulher que se apressa para a entrevista, o operario, o vadio, a creança que chóra, o garoto que ri, o pombo que scinde os ares, o cão que fareja a sargeta. Dás attenção a tudo? não; tens, ás vezes, a attenção voltada para ti mesma e o que passa, passa. Assim as palavras — ouve-as, não as escutes: são transeuntes que passam. Atravéz do clamor de uma revolução, a mãe ouve o tremulo vagir do filho, não é verdade? é que ha sons, nem ainda palavras, que vão direito ao coração e ha gritos que se perdem no ar. Que te importa que elle fale? Deixa-o falar...

ESTELLA

Não penso assim...

CAMILIA

Ah! não pensas assim? Queres, então, romper com a sociedade? E' o caso de eu dizer-te o que á Ophelia disse Hamleto: «Faze-te monja... Váe para um convento.»

ESTELLA

Mas, então, se esse homem levar mais longe a sua ousadia...?

CAMILIA

Um homem só chega até onde a mulher permite.

ESTELLA

Pois, sim.

CAMILIA

E' preciso que saibas, Estella, qual é a nossa verdadeira situação, para que não te illudas.

SERGIO

A culpa é tua... Eu sempre te disse que esta magnolia estava mal collocada...

CAMILIA

Queixas-te do teu marido. Tens razão e não tens. Se elle já não mostra o mesmo affecto que te trazia enlevada na felicidade, é porque os cuidados não lhe dão a tranquillidade que o coração requer. Não ignoras que elle joga e que é do jogo que tira todos os recursos. Ora, o jogo é perfido — justamente quando a necessidade urge, é que a desfortuna apparece. O que tu julgas ser um novo amor, lá fóra, não é senão o desespero (*Tocando a fronte:*) aqui dentro. O homem que perde ao jogo, não deixa na banca apenas o dinheiro, deixa a educação, os proprios sentimentos, volta com a bolsa e o coração vazio. Sergio... é o que vês: jardineiro.

ESTELLA

Mas porque havemos de insistir nesta vida falsa? Eu, por mim, confesso que prefiro uma casa modesta e uma só creada, ou nenhuma, tendo tranquillidade, a viver neste palacio cheio de desespero... já sitiado pela infamia.

CAMILLA  
Isto de infamia váe com endereço ao comendador?

ESTELLA  
Sim, váe.

CAMILLA  
Não tens confiança em ti?

ESTELLA  
Em mim? toda!

CAMILLA  
Então?

ESTELLA  
E a sociedade?

CAMILLA  
Ora, a sociedade... A sociedade é como o mar — não pôde deixar de fazer ondas e de as arrojar á praia. Tudo está em saber affrontal-as.

ESTELLA  
Eu não sei nadar, mamãe.

CAMILLA  
Nem é preciso que saibas. Tens um banhista que te offerece a mão — váe com elle. Nós ficaremos na praia para que não te vexes. E verás que as mesmas ondas, que tanto receias, longe de te envolverem, farão de ti a sua rainha, elevando-te triumphalmente no seu dorso. Tudo depende do banhista... Escrupulos. (*Sorrindo* :) Queres o meu conselho? conserva-te virtuosa porque a virtude, sobre ser bella, é util, visto que é uma resistencia. Toda a resistencia irrita, e os irritados não medem sacrificios porque, além do amor... luctam pela vaidade. Sé virtuosa... Ainda é o melhor meio de viver no...

ESTELLA  
Charco.

CAMILLA  
Como vivem os lyrios.

(*Continua*)

(\*) *E' prohibida a reprodução.*

## SCIENCIA E INDUSTRIA

O LICOR DOS CARTUXOS — A SUA COMPOSIÇÃO — CINCOENTA E DUAS ESPECIES DE ELEMENTOS DIFFERENTES.

Todos sabem que, em virtude da applicação da lei sobre as congregações, os frades Cartuxos, tiveram que abandonar a França e fôram se estabelecer em Tarragona, pequeno porto de Hespanha de vinte e poucos mil habitantes e a uns cincoenta kilometros ao sul de Barcelona. E' ali, á beira do Mediterraneo, num convento pertencente á ordem delles, que os Cartuxos fazem hoje, com o novo nome de «verdadeiro licor dos Chartreux», o tão estimado elixir que, por mais de um seculo, elles fabricaram, a 28 kilometros de Grenoble, no mosteiro a que deram seu nome: *Grande-Chartreuse*, rodeado de terreno uberrimo. Si bem que tenham deixado esses terrenos e mudado o nome ao licor, o fabrico delle continúa a ser absolu-

tamente o mesmo; os alcools sempre escolhidos com o maior cuidado e as plantas que entram na maceração téem sido escolhidos nos Alpes do Dauphiné, onde os Cartuxos viveram durante seculos. A ordem dos Cartuxos foi fundada por S. Bruno em 1084, e o grande mosteiro dos Cartuxos, que foi sempre a residencia geral da ordem, incendiado e destruido pelas avalanches diversas vezes, foi reconstruido a ultima vez em 1676. A receita do licor foi offerecida aos frades em 1602 pelo marechal d'Estrées, e só em 1755 o irmão Jeronymo Maubec modificou e aperfeiçoou a formula, dando-lhe a composição que ainda hoje conserva, e em que entram, ao que parece, cinquenta e duas especies de elementos diferentes: plantas, algumas das quaes só brotam na *Grande-Chartreuse*, folhas, raizes ou grãos.

Calcule-se a difficuldade que não estarão experimentando os que, a esta hora, tentam penetrar o segredo dos Cartuxos.

\* \*

A GRIPPE — SUA ETIOLOGIA — OPINIÕES DIVERSAS — DISCUSSÃO RECENTE NA SOCIEDADE MEDICA DOS HOSPITAES EM PARIZ.

E' uma velha molestia, durante muitos annos pouco considerada no Brazil, onde passára quasi despercebida, até que lhe fôram avultando, sob varias fórmulas, as victimas, ficando sempre a sua natureza meio obscurecida na penumbra do mysterio.

Sabe-se que ella é contagiosa e, por conseguinte, deve ser produzida por um microbio que passa de individuo a individuo; contagia familias inteiras; propaga-se de casa em casa; domina cidades e adquire virulencia terrivel em certas estações, affectando não sómente as vias respiratorias, mas o intestino e o cerebro.

Atribuíram-na a um microbio; entretanto, não se encontra o bacillo de Pfeiffer em todas as victimas, de maneira que a etiologia da molestia continúa a ser contestada, como se deprehende de uma discussão recente na Sociedade Medica dos Hospitaes, em Pariz.

O dr. Bezanson não encontrou o bacillo de Pfeiffer em muitos doentes, mas associações microbianas vulgares e duas especies que reputa novas — um *diplococcus*, analogo ao *micrococcus catarhalis*, dos allemães, e outro mal determinado. Poder-se-ia affirmar que, em cada epidemia, se encontram, nessa molestia, microbios diferentes ou diversamente associados, de sorte que aquelle pratico foi levado a crer que a gripe não é uma molestia especifica, mas uma simples exaltação da virulencia, momentanea e climaterica, de certas especies.

O dr. Ménétrier reconhece que se encontram, frequentemente, na gripe, varias associações microbianas, mas attribúe o papel principal ao pneumococco, opinião confirmada pela clinica por causa da grande frequencia das pneumonias no curso das epidemias grippaes. O dr. Bergé pensa, como os dois medicos precedentes, que a gripe não constitúe uma verdadeira entidade nosographica.

O dr. Legendre, ao contrario, affirma que, pela impetuosidade da erupção, pela rapida extensão da infecção em toda a arvore bronchica, pela persistencia e profunda asthemia, que a acompanham, ella é uma fórma especial, sinão especifica do catarrio das vias respiratorias. O dr. Siredey nota que a esses caracteres da gripe, convém acrescentar que ella se difunde, rapidamente, através de cidades, regiões inteiras, constituindo epidemias regionaes ou locaes. O dr. Lermoyer lhe assignala o privilegio de provocar otites supuradas graves, que se propagam ás cellulas mastoidianas. O dr. Barié tambem observa que se descrevem, muita vez erradamente, sob o nome de gripe, certos casos de rhino-pharyngite climaterica benignos, defluxos vulgares, simples corizas agudas.

Mas a gripe apresenta outras fórmulas clinicas, não menos importantes que as catarriaes. Assim, talvez, todos os medicos conhecem a fórma nervosa, caracterizada por violentas dôres de cabeça, com exarcebação aguda, á influencia do mais leve trabalho cerebral, por um sentimento de curvatura e de extrema fadiga muscular, um verdadeiro aniquilamento das pernas e, sobretudo, por um estado de asthenia consideravel, egual ao que se verifica nas convalescenças em certas molestias agudas, como a febre typhoide.

Esses phenomenos estão sujeitos a frequentes reincidencias offensivas, verdadeiras recaídas sobrevindas quando o doente se considera curado. Essas fórmulas nervosas são, tambem, caracterizada pela demora da sua evolução e tenacidade, deixando o doente num estado de fadiga que o impossibilita, durante muito tempo, para qualquer trabalho. Esse complexo symptomatico caracteristico não corresponde a outro typo clinico, sinão á affecção grippal.

As epidemias de gripe são, sem contestação, climatericas: apparecem quando o sol, grande elemento de saúde, se occulta durante semanas e mezes, com breves interrupções; quando o céu é nebuloso, quando a radiação solar não penetra o sólo, não podendo agir sobre os microbios roubando-lhe a actividade, porque a luz é o antiseptico por excellencia. O organismo se deprime. Ficamos sem defeza contra

as associações microbianas, que adquirem, nessas condições, nova virulencia, e a molestia vem.

E' possível que exista um microbio especial da gripe; mas elle não é indispensavel para explicar a gravidade da affecção. Os microbios conhecidos, que pullulam em torno de nós, que vivem inoffensivos em nossas vias respiratorias, pôdem, de repente, adquirir virulencia sob a influencia climaterica e atacar o organismo.

O pneumococco, em particular, sempre presente na bocca, determina pneumonias. As fórmulas variadas da molestia dependeriam, assim, das associações diversas que, ordinariamente inoffensivas, adquirem, graças áquellas causas, grande intensidade nociva.

Como se vê pela variedade de opiniões, trata-se de hypothese: nada se sabe, precisamente, sobre a etiologia dessa molestia caprichosa, vulgar, ora pouca perigosa, ora de gravidade excepcional.

Mas — diz Henry Parville, que nos fornece estas notas — é da sciencia afirmar a nossa ignorancia, o melhor meio de aprender a saber.



## FARIAS BRITO

### IX

No capitulo VIII, trata Farias Brito de demonstrar nada menos do que isto, segundo me parece: que a poesia é manifestação fundamental do espirito humano. Por isso, a poesia tambem se transforma, acompanha a evolução natural; mas, não tende, de modo algum, a desaparecer. No que estamos perfeitamente de accordo.

Deste passa a um capitulo que parece estranho num livro de philosophia, mas estranho apenas na apparencia e talvez só no titulo. O *idealismo*, a proposito do qual discorre o auctor — previne logo — não é o idealismo no sentido commum. O philosopho, entendida a sua funcção como a entende Farias Brito, nem pôde deixar de ser idealista. Sim: o espirito que indaga persegue um ideal. Tem deante de si a natureza, joga com os elementos que ella lhe fornece, mas procura revelações que ainda não foram feitas. Mesmo porque, desde que são apanhadas essas novas revelações, vão ellas se incorporando ás sciencias emquanto o philosopho as deixa e passa adiante.

Quer me parecer, no entanto, que não é bem esta a noção que de idealismo concebe o novo philosopho — pelo menos do idealismo que inculca como caracterisando o papel da poesia. «O homem — diz elle — tem necessidade de completar o quadro doloroso e terrivel da realidade pela concepção

harmoniosa de um mundo ideal. A realidade o aterra: é preciso entrever a possibilidade de um mundo melhor. Tal é, precisamente, a missão da poesia.» Por mim, não hesito em discordar neste ponto do auctor. Si a poesia fôsse apenas isso, não seria uma necessidade essencial da nossa natureza superior. Para mim, tenho simplesmente que são analogos phenomenos como estes, por exemplo: o grito de alegria do barbaro sedento que encontrou uma fonte, a anciedade do viajor do deserto por uma sombra; o gemido de quem sente dôr; a angustia do faminto; o silencio meditativo do sabio que quer saber; o canto da alma que sentiu a magestade divina nos grandes mysterios do universo ou que sentiu a belleza immortal na justiça e no amor. O homem canta como o homem devora: devora quando tem fome; e quando tem na alma a scintilla que incende e exalça — o homem canta. Para Antonio Vieira — rugir imprecações formidaveis do alto de um pulpito e fazer que as almas se abalem — é uma necessidade tão forte, uma necessidade tão necessaria como a que gerava no animo do barbaro, a ancia de apanhar fructos nas florestas. Não é para illudir-nos que amamos a poesia. Mesmo — porque só chegamos a amar a poesia depois que temos exgotado todos os outros amores, depois que passamos por todas as outras escolas do amor — porque o proprio amor de Deus é a expressão mais alta e intangivel da poesia humana.

Diz Farias Brito: «Em uma palavra: o fim da sciencia é a verdade; o fim da poesia é o bello; o fim da philosophia é o bem. E é de uma fusão completa destas trez grandes manifestações do espirito, ou, melhor, destes trez aspectos distinctos, mas inseparaveis de uma só e mesma actividade, que ha de nascer o principio da regeneração do futuro.»

Pois bem: essa fusão de que nos falla o philosopho, é exactamente a que se realisa no poeta, ou mesmo em quem ama a poesia. Sem estes trez cultos ou estas fórmulas diversas do mesmo culto — o da verdade, o do bello e do bem — não ha poeta, nem ha poesia. Demais — a poesia, de todas as artes, é a mais extensa, a mais completa, a de mais recursos e a mais poderosa, porque — pôde-se dizer — até certo ponto, supprime todas as outras. Ora, as artes, ou em abstracto — a arte, qualquer que seja o genero em que se manifeste mais accentuadamente, mais caracteristicamente o genio de uma raça ou de um povo — a arte é sempre a expressão mais perfeita, mais pura, o phenomeno culminante — si assim me posso exprimir — de toda a existencia, do modo de ser, do progresso humano. Negar que a arte se eleva e que o sentimento es-

thetico se torna em nós cada vez mais intenso, mais flagrante, mais imperioso — seria negar a propria evidencia. Não ver que o «quadro doloroso da realidade» cada vez menos doloroso se váe fazendo e cada vez nos aterra menos — seria não ver a verdade mesma. Si o fim da poesia é tornar a realidade sempre menos aterradora — é claro que têm razão os que sustentam que a poesia está morrendo, porque de facto ella deve morrer á medida que diminuem os motivos que lhe explicam e legitimam a funcção. E si apesar de estarmos fazendo este mundo cada vez melhor, notamos egualmente que com os progressos realisados e na mesma razão directa de taes progressos, o sentimento e o amor da poesia tambem se tornam mais vigorosos, mais exuberantes, mais irreprimiveis — o que devemos concluir é que a poesia não pôde morrer, como não pôde morrer a politica, ou a physica, ou a mathematica. Ella é tão rigorosamente manifestação do espirito humano como os phenomenos mais simples relativos ás diversas phases da civilisação.

ROCHA POMBO.



## PAGINAS ESQUECIDAS

### INTERMEZZOS

(Henri Heine)

#### I

Rosas e lirios, pombas, sol radioso,  
Tudo isso outr'ora no fugáz passado,  
Eu adorei constante.

E desse amor, que tive immaculado,  
Por lirios e aves e subtis perfumes,  
Nem já me lembro, seductora amante,  
Fonte pura de amor, que em ti resumes  
A rosa, o lirio, a pomba e o sol radiante!

#### II

De um lirio branco no mimoso calix  
Se eu fosse depor  
A vaga essencia do meu peito, em breve  
Escutáras no calix de neve  
Uma canção de amor.

Canção divina relembrando as ancias,  
E o languido tremor  
Daquelle beijo, em noite mysteriosa,  
Que me deram teus labios côr de rosa,  
Meu doce e casto amor!

GONÇALVES CRESPO.

\*  
\*\*

### A ABERTURA DO PARLAMENTO

Abriu-se mais uma vez o parlamento.

Os representantes da nação, combatidos pela fadiga da ultima sessão legislativa, regressam outra vez dos campanarios provinciaes, onde, durante as ultimas ferias parlamentares, estiveram retemperando os ventres e

os cerebros exhaustos, por meio de novos tropos, de novos lombos de porco e do mais que é preciso para o vigor da lucta na esphera da acção politica.

Quatro mezes ininterruptos de oratoria, de casa Havaneza, de botequim do Martinho, de tipoias de praça, de cigarros escolhidos, de persevejos de estalagem, de namoro, de contradanças de lanceiros e recitações ao piano no seio das familias, de botas apertadas, de *patchouly*, de ceias babilonicas, de lulas de caldeirada nos restaurantes da Baixa, quatro mezes, enfim, de peleja tribunicia, de elegancia desenfreiada, de poesia lyrica para uso das damas, e de constipação de ventre, haviam derreido lamentavelmente os rins desses bons athletas do systema representativo.

Elles voltam dos ares patrios mais sadios e mais louções, e trazem ajoujada de novas provisões a besta da eloquencia, encarregada pela Carta de fazer em cada anno a recovagem do palavreado constitucional entre o *Diario das Camaras* e os clubs recreativos do reino e ilhas.

Tudo que Lisbôa tem disponivel de trabalho na população dos seus bairros, váe tomar logar na tribuna publica, para assistir ao despejar dos alforges oratorios sobre a presidencia da Camara e sobre a meza dos senhores tachygraphos.

Operarios mandriões, jornalistas sem idéas, ambiciosos sem officio, viúvas sem pensão, requerentes sem despacho, palavreadores sem assumpto, vadios, gatunos e pedintes, lá estão já todos nos seus postos, encostados ás varandas, explorando com avidéz os buracos do nariz ou coçando com ardor a cáspa da cabeça, enquanto os estenographos aparam as pennas, e a opposição pede aos continuos, batendo nas carteiras, os copos d'agua em que se hão de desencadear as tempestades futuras. Que o governo trema e que trema egualmente a opposição! A batalha váe ser terrivel. A carga da rhetorica vem pesada de terriveis instrumentos belllicosos.

Ahí estão em fardo a se desarrocharem do albardão, para descerem da burra, e para se desengatilharem, de cabeça para cabeça, em arremessos pavorosos, as terriveis metaphoras,

as truculentas hyperboles, as synedoches traioeiras e o bem conhecido trovejante hyperbato. Véem as citações propheticas e minazes: *Lá o di-zia Cicero, sr. presidente!...*

*Já Machiavello previra, meus senhores!... Cousin, sr. ministro, o grande Cousin... (Em aparte) E Talleyrand tambem! Accrescenta Talleyrand!*

Véem as comparações mordentes e tragicas: *Bem como Vitellio no Senado de Roma... Novo Catilina ás portas da cidade... Qual outro Attila, cognominado... etc.* Véem os grandes monstros horrendos e afflictivos: *A propecta hydra da anarchia; o hypocentauro do progresso; o aspide da calunnia; o verme da inveja; a serpe da bajulação. a lôba do deficit; o dragão do orçamento o milhafre da reacção; o tigre do sr. conselheiro Arrobas; o cavallo branco do sr. Manoel da Assumpção! Véem os doutos e conspicios latins, cortantes como gladios: Latet anguis, sr. presidente... Quos vult perdere Jupiter dementat!... Rari nantes!... Timen Danaus! Habent sua fata libelli!... Ex digito gigas... Me! me adsun! Véem tambem as representações, os manifestos, os requerimentos dos povos, a grossa papelada estopante e aniquiladora, que será lida á somnolencia geral da Camara, por um orador d'oculos no nariz e de gôgo na guéla, o qual dotará a sessão com um doce intervallo applicado pela assembléa á beberóca no restaurante e á audiencia dos pretendentes nos corredores.*

Finalmente, a bagagem da oratoria representativa trará no fundo algumas piúgas para uso pessoal dos srs. deputados.

Decididamente, a lucta váe ser titanica.

RAMALHO ORTIGÃO.

\* \*

DOR INGENITA

Dias tristes, longas horas,  
Convulsionadas, da vida,  
Em que tu, alma opprimida,  
Choras;

As quaes nas luctas que affronto  
Subindo o rude calvario,  
Como as contas dum rosario  
Conto;

Rasgais no tempo e no espaço  
Aos que transitam no mundo  
Um sulco amargo, um profundo  
Traço.

Na existencia mais pura  
Em que a paixão desabrocha,  
Como as estilhas da rocha  
Dura

Que nas marés convulsivas  
Rasgam o peito das fragas,  
Abris sempre enormes chagas  
Vivas.

Vivas chagas donde escorre  
O sangue ardente, golfado  
Dum coração que ignorado  
Morre.

Quando a minha dôr augmentas,  
O sonho que te evaporas,  
Acordo e correm-me as horas  
Lentas.

Lentas, pezadas... E eu, triste,  
Lastimo, os olhos em pranto,  
Que a morte, da vida, tanto  
Diste

.....  
.....

Passai, correi, longas horas,  
Convulsionadas, da vida,  
Em que tu, alma opprimida,  
Choras!

MACEDO PAPANÇA.

\* \*

#### EPITAPHIO DO LYRISMO

A poesia sentimental acabou. Devia naturalmente acabar assim que o amor se julgou superfluo no casamento do vate. Eram, noutro tempo, os poetas uns amadores vitalicios que cantavam e amavam todas as meninas de uma ou duas freguezias; mas não casavam com ellas. Enfeitavam-nas de flôres para maridos maganões que sorriam delles com uma piedade quasi benevola, e os tratavam com excesso de delicadeza, até ao requinte de os pôrem na rua com poucas bengaladas. Os maridos, ás vezes, quando os poetas bisavam os seus cantares, faziam no espinhaço das esposas o compasso. Isto soube-se; a desordem da familia constou cá fóra, e o lyrismo começou a cair como immortal.

Caído o lyrismo, o poeta foi comprehendido nas regras geraes do genero humano. Entrou a casar sem versos. Em vez de perguntar á vizinha quantas estrellas tinha predilectas no azul, indagava quantos predios tinha o papá: e, se era orphã e herdeira, não lhe azedava saudades do progenitor com necrologias; ia ao cartorio do escrivão do inventario examinar o formal de partilhas; e, recolhido ao silencio do seu gabinete com os apontamentos, em vez de:

Mulher amada, que o meu peito abrasas,  
escrevia:

Por metade do predio da rua das Congostas..... 2:750\$000

Acabou assim a poesia amorosa. Não foi Charles Baudelaire, nem a de-



vassidão dissolvente do segundo imperio, nem os progressos da ethnographia e da chimica, como pretende o sr. Guerra Junqueiro. A poesia sentimental acabou porque poetas que exercitem a arte por amor da arte já não ha nenhum, nem tão pouco ha mulheres que sintam no peito o vacuo dos sonetos; e, se acontece ainda alguma experimentar vágados íntimos e palpitações estranhas — coisas que outr'ora se chamavam

Vago aspirar de virginaes enlêvos, come uma sandwich, um bife de grelha, e fica melhor. Ellas, quando saíram do collegio, não traziam geographia e ancias de idéal: traziam chlorose e fome.

Desfibradas as cordas da cythara, era, não obstante, necessario e fatal que alguém cantasse. O genio é rebelde: se o espesinham, resalta. Alguns poetas, quaes vasos de porcelana fragil, não puderam conter as raizes da flôr do sentimento que se lhes radicaram profundas e largas até os estourar em poemas, nem românticos nem classicos. Semelhantes coisas são uns extractos sulf'hydricos necessarios ao riso moderno como o estrume á seiva das finas flôres aromaticas. Como não podiam cantar com applauso a violeta rôxa, cantam a alporca rubra.

Que eu, a fallar verdade, não creio em Goethe. Elle diz que não ha litteratura classica nem romantica: ha litteratura sã e litteratura pôdre. E renovar o feio e a podridão, — acrescenta Philarète Chasles — o falso e o trivial, o phrenesi e a obscenidade, o immenso e o exaggerado, pela enfermidade e pela demencia, é facilima empresa (1).

Digam lá o que disserem os oraculos. A litteratura não é Aristoteles, nem Horacio, nem Boileau, nem Goethe. A poesia, essencia fétida ou aromatica da litteratura, é a expressão de uma época. «O feio é o bello, e o bello é o feio». *Fair is foul, and foul is fair*, diz Shakespeare. Hontem cantava-se a sociedade dyspeptica em uso de figados de bacalháu; hoje canta-se a sociedade pôdre em uso do proto-iodeto de mercurio.

\* \*

Se a tranquillidade publica perdeu ou ganhou com o desuso do sentimentalismo, é outra questão. Creio que a

sociedade lucrou em peso e perdeu em feitio. A mulher, amada do poeta e conhecida como tal, tinha certo prestigio, e uns aromas particulares das grinaldas de rimas que lhe ajardinavam o salão, a alcova, a igreja, o theatro, o passeio, a praia e os sonhos — sobretudo os sonhos quando não procediam das cêas copiosas. Estes aromas adelgavam-lhe o espirito; ellas viam as cousas da vida a uma luz electrica; tinham a pallidez eburnea das Ophelias cuidadosas dos seus doidos contrafeitos, ás vezes sandeus legitimos; sabiam traduzir Telemacho e os segredos da lua; mas não conheciam o processo de fazer bons caldos e marmeladas. Depois, as que entraram pela infiltração do matrimonio na substancia do poeta, caíram em si pasmadas e scepticas, quando viram os maridos preferirem a uma MEDITAÇÃO de Lamartine, um prato de esperregado. Elles é que as despoetisaram, os maridos, pedindo-lhes caldo substancial em vez de um

riso

liso,

como diz a trova.

E as esposas, com o espirito engordurado da gula dos maridos, ensinam ás filhas o desprezo da velha poesia; e, quando as colhem de assalto embebedas no extase dum moço magro e macilento, dizem-lhes: «Vosso pae tambem assim era delgado e pallido antes de casar; mas depois, com os caldos fortes, engordou.» Estas palavras são o epitaphio do lyrismo escripto no seio da geração nova. Toda a menina que prevê a poesia fluctuante do esposo consolidada em tecido cellular, prefere as fórmulas finas e flexiveis de um marido sem exame de instrucção primaria.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

1879.

(1) *Psychologie sociale*, obra posthuma.

## O ALMIRANTE (29)

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

Sebastião ouvira na venda, e contava aos criados, que havia terrivel tempo quente pela cidade. Tinham assassinado o Ouro Preto, o Ladario e o Candido de Oliveira, e a soldadesca desenfreada andava pelas ruas em tro-

pelias. O Imperador tinha vindo de Petropolis pela estrada de ferro do Norte e chegára ao paço da cidade a carro, sem guarda.

— Vão ver — acrescentava Sebastião — que são favas contadas: liquidam o pobre velho e mais a familia. Queira Deus que fique só nisso e não venha por ali, um mata-gallego. En, que aqui estou, fui, ha pouco, provocado por uns patriotas, que estavam a bebericar paraty na venda. Queriam obrigar-me a dar vivas á Republica; então eu, que me conheço, para evitar um estardalhaço, fui saindo, e fechei o portão a chave, por causa das duvidas.

— Tudo isso é medo, Sebastião — observou um dos cocheiros.

— Eu cá — retorquiu o guarda-portão — não fujo a caretas. Fui soldado na minha terra; marchei contra os pretos da Africa, lá em Angola, uns pretos desabusados como vocês, e ali está a minha fé de officio, contando como me bati, como um heróe. Aquillo, embóra fôsse contra negros, era guerra a valer. Aqui tenho o attestado.

E Sebastião arregaçando a calça, mostrava uma larga cicatriz na côxa.

— Isto foi uma zagaya dos malditos. Doeue como trezentos diabos, e custou-me muitos mezes de perna inteiriçada. Tambem dei-lhe uma resposta: metti a bayoneta nas costellas do negro, aqui lá nelle, que lhe não dei tempo para desculpas.

— Se fôssemos á cidade, disse um dos rapazes.

— Daqui ninguem arreda pé hoje — declarou Sebastião. — A senhora está doente e temos que guardar a casa contra os gatunos, que andarão assanhados por estes bairros sem policia. Olho vivo toda a noite, que isto é casa de gente rica. Que sexta-feira arrelhada!

Era, com effeito, a sexta-feira da paixão da monarchia.

As tropas, formadas no Campo de Sant'Anna, acolheram com estrondosas saudações o corpo de alumnos da Escola Militar, e partiram numa promiscuidade desordenada, misturados aos alumnos officiaes armados de carabinas, paizanos de braço dado com militares, para o centro da cidade, entre alas de povo accumulado ao longo das ruas, numa attitude de surpresa, num espasmo de curiosidade, como se inquirissem todos o fim daquella passeata colossal do exercito victorioso aos gritos de alegria, de vivas á Republica.

No portão do arsenal de marinha, o marechal Deodoro foi recebido de braços abertos pelo chefe de esquadra Wandenkolk: estava realisada a adhesão da marinha. As armas nacionaes abandonaram o governo.

A's trez horas da tarde, a multidão



## A LIVRARIA

## O SEGREDO MEDICO E SUA CONCEPÇÃO EVOLUTIVA — DISCURSO DO DR. DIAS DE BARROS.

O saudoso professor Francisco de Castro deixou, na Faculdade de Medicina, como um luminoso sulco, a fecunda semente de idéas que marcaram um grande passo de progresso não sómente quanto á applicação dos methodos scientificos como respeito á cultura litteraria, as fórmas elegantes e á linguagem pura, que foi uma das suas mais entranhadas paixões.

Elle conciliou, numa harmonia admiravel, a arte de Hypocrates com a de Quintiliano; Cicero e Galeno poderiam revestir as suas idéas, em campos diversos, com os mesmos ouropéis rutilantes da palavra, falada ou escripta, abrindo nos espiritos bréchas de convicção, ensinando e persuadindo.

O discurso do dr. Dias de Barros é um vestigio do grande mestre. Isto bastaria para o seu louvor se, além da fórma primorosa, não fôsse elle interessante pelo objecto, um dos problemas mais melindrosos da ethica professional, tratado com raro criterio.

Com o segredo medico collidem, muita vez, os mais importantes interesses da sociedade e do individuo envolvendo questões relativas á instituição do casamento, ao seguro de vida, á peticia medico-legal, á cobrança de honorarios, á declaração de obito, á denuncia dos feridos, aos casos de aborto, á declaração de nascimento, á deposição em justiça, aos boletins de saúde, ás falsas accusações, á notificação das molestias epidemicas, á assistencia aos loucos, aos menores, ás parturientes, internadas nas maternidades e nos casos de envenenamento.

A questão consiste em traçar o criterio do procedimento do professional, uma linha de conducta, inflexivel, como ensina Brouardel, ou maleavel ás circumstancias, quando se empenhem os interesses de sociedade e do individuo, procurando justa adaptação aos multiplos casos de consciencia, nas suas infinitas minucias e nos seus varios aspectos.

Em face do direito escripto, parece predominar a opinião que sustenta o segredo absoluto, porque o codigo penal, no art. 192, punindo o acto de «revelar qualquer pessoa o segredo de que tiver noticia, ou conhecimento, em razão de officio, emprego ou profissão», não fez restricções, como se dedúz ainda da disposição do art. 194, punindo «a auctoridade, que de posse de carta, ou correspondencia particular, utilisal-a para qualquer intuito, seja, embóra, o da descoberta de um crime, ou prova deste».

Essa prohibição escapará ás sanções penal e moral, quando o segredo professional fôr incompativel com a caridade, com a justiça, quando, em vez de se tratar da punição de um criminoso, estejam em perigo a liberdade, a vida, a honra de um innocente? A' parte o aspecto sentimental do problema, num como noutro caso, o interesse superior, que é o social, o da humanidade deveria predominar; mas é, precisamente, nesse ponto que se dividem as opiniões, esgalhando-se em meandros inextricaveis.

O espaço desta noticia não permite a explanação do assumpto que tem raizes theologicas no segredo da confissão. Como o penitente ao sacerdote, o doente revela ao medico os accidentes intimos da sua vida, as suas fraquezas e crimes numa confidencia absoluta de meios que não percebem, de olhos que não vêem, de ouvidos que não ouvem. Entre o penitente e o confessor, entre o doente e o medico se estabelece um sagrado pacto de confiança, que uma das partes não pôde quebrar sem profunda leção ao direito da outra.

O escôpo, buscado pela evolução, deve ser consolidar a harmonia da moral com a justiça, amenisar a rigidez do segredo absoluto de modo que, como diz o dr. Dias de Barros, fique ao criterio do professional saber abrir mão do seu interesse pessoal e até do de sua classe para beneficiar a justiça, amparar o innocente e fazer condemnar o criminoso, quando fôr mistér, em bem dos mesmos direitos da humanidade.

D. O.

\* \*

CASAMENTO PERFEITO—DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA—3.<sup>a</sup> ED. RIO, GARNIER, 1905, IN-18.

Quando appareceu pela primeira vez o *Casamento perfeito*, ha quasi trez seculos, em 1630, ainda assim não era assumpto novo na litteratura portugueza; quasi cem annos antes, em 1540, publicára o dr. João de Barros (contemporaneo do historiador do mesmo nome) o seu *Espelho de casados*, que só ha pouco, em 1874, teve segunda edição, limitada a uns duzentos exemplares, por diligencia do bibliographo portuense Tito de Noronha.

Vinte annos depois do *Casamento perfeito*, obra de optimismo e religião, imprimiu-se a *Carta de guia de casados*, (em 1651, mas já corria manuscrita) obra primorosa e sem egual, cheia de tendencias oppostas, de pessimismo e desconfiança e que, por isso mesmo, teve um sem numero de edições. A opposição entre os dois moralistas, explica-se por facil psychologia: Diogo de Paiva era casado e se confessava

casado imperfecto; dom Francisco Manoel era solteiro e ficou solteirão toda a sua vida, entregue a amores faceis e até difficeis e arriscadissimos, disputados ao seu proprio rei.

Como quer que seja, o *Casamento perfeito* achou o seu publico menos numeroso mas fiel, e reimprimiu-se segunda vez em 1726; e esta reimpressão foi a que serviu para a edição presente da casa Garnier.

O texto da novissima edição foi reproduzido com excepcional fidelidade; por mim mesmo, o verifiquei. Ha, porém, dois defeitos que convém explicar: a indicação dos escriptores e dos logares de suas obras, que se acha cotada á margem nas edições primitivas, nesta desapareceu; e o *Indice das coisas notaveis* foi reproduzido tão irracionalmente que as referencias das paginas só se applicam á edição de 1726 e se tornou, pois, um appendice inutil.

Tambem não me pareceu util conservar-se, como se fez, a orthographia da edição de 1726, que não era a do auctor nem a do seu tempo.

Sem embargo destas pequenas fallhas, é de justiça dizer-se que a casa Garnier, com a reedição dos classicos, presta inestimavel serviço ás letras, ainda que esse beneficio, como é de regra, só aproveite a muito poucos.

JOÃO LAMEIRA.

## REMINISCENCIAS DE CAMPANHA

## DO ESTABELECIMENTO AO SEGUNDO CHACO

O mez de julho não nos foi dos mais propicios nos combates de 16 e 18 em Tuyuty. O de 1868 já começava mal.

Muito differente fôra o de maio, em que victoria corôou, invariavelmente, as nossas armas nos annos de 1865, 1866, 1868 e 1869. Que motivos determinariam esses factos tão oppostos e tantas vezes repetidos? Seriam de um lado o somno sobre os loiros colhidos e do outro o desejo ardente da vingança?

As leis sociologicas são tidas por inflexiveis, como as que regem o mundo physico.

Com o seu determinismo, T Buckle chega a estabelecer relações curiosas entre o desabrochar dos alvos lyrios nos corações e a abundancia das loiras espigas nos trigaeas.

Com estatisticas interessantes, Lombroso quer demonstrar a preferencia de certos mezes do anno para as explosões revolucionarias dos povos, parecendo depender tudo do thermometro e caber, portanto, ao sol a responsabilidade dos phenomenos da vida humana.

Como explicariam os philosophos a



invariabilidade dos nossos revêzes em julho e das nossas victorias em maio ?

No dia 16 daquelle mez, ouvimos, logo cedo, fortissimo canhoneio e fuzilada incessante para os lados de Humaytá, onde o horizonte annuviou-se de fumaça. Soubemos, depois, que fôra o exercito de Osorio que reconhecera, á viva força, as fortificações inimigas, sendo repellido com grandes perdas.

Era o segundo revêz do mez de julho de 1868.

No dia 18 pela manhã, saíu do Anday uma brigada composta de um batalhão argentino e dois brasileiros. Um destes era o 8º de linha, que recebeu alguns officiaes do Dezeseis, de promptidão no acampamento.

A brilhante columna marchava garbosa commandada pelo bravo coronel Martinez de Hóz, de uma das mais illustres familias de Buenos Ayres, bello e elegante, perfeito *gentleman*. Quando passou por nós, saudou-nos e lhe desejamos um dia de glorias.

Fazia a vanguarda o batalhão argentino, que se internou pela picada, margeiando o rio, sem tomar, talvez, muitas precauções.

Os nossos dois batalhões marchavam a distancia, em obediencia ás ordens que delle receberam.

O coronel portenho era valente soldado e marchava na frente com os seus compatriotas. De repente, viu-se envolvido por grandes forças inimigas, que estavam emboscadas. A surpresa foi magistralmente feita.

Martinez de Hóz e o commandante Gaspar Campos, com quasi todos os officiaes e a maior parte dos soldados, caíram prisioneiros.

O porta-bandeira ouviu o ruido de um dos navios da nossa esquadra, que passava, e, rompendo todos os obstaculos, conseguiu chegar ao barranco do rio, onde os nossos marinheiros recolheram o glorioso pavilhão do sol de maio.

Os dois batalhões brasileiros fôram atacados com vigor pelo inimigo victorioso.

Recuaram a principio ; mas, depois, carregaram levando-o, de vencida, a ponta de bayoneta. O alferes Martiniano, do Dezeseis, viu-se cercado no meio da matta por elle, que avançava, ardente de enthusiasmo. Não perdeu a calma.

Tinha á mão os seus poucos homens e ordenou-lhes silencio e que se abajassem.

O pequeno grupo teve a fortuna de não ser percebido. Quando os paraguayos passaram, o Martiniano levantou-se e acommetteu-os pela rectaguarda, lançando a confusão nas suas fileiras com uma carga de bayoneta e gritos atroadores. Aproveitou a desordem, e reuniu-se ao grosso do batalhão. Era um bravo e modesto official o Martiniano, com a sua barba negra

e annelada e os seus modos de sertanejo. Eramos amigos.

Acabou sempre destemido e bom, no *alto posto de alferes do Dezeseis !*

Ouvimos do Anday o tiroteio longinquo, e a curiosidade nos impellia para lá. Encontrei alguns soldados argentinos, escapados do inimigo e perguntei-lhes o que vinham fazer. Respondeu-me um delles :

— *Señor, los brasileiros han disparado.*

Era curioso. Nem um dos nossos se tinha retirado ; todos combatiam na espessura da matta para vingarem o desastre dos nossos valentes alliados, e um destes, que fugira do seu posto são e salvo, nos lançava o epitheto de poltrões. Ha homens assim ; para esconderem as suas culpas, calunniam.

Que destino tragico o dos bravos amigos, caídos prisioneiros das tropas do tyranno ! Quando os nossos chegaram ao logar da emboscada, nem alli nem adeante encontraram um só dos companheiros de Hóz.

Fôra uma bôa preza aquella : um coronel illustre, um commandante de valor e capitães, tenentes e alferes, toda uma officialidade luzida e um batalhão inteiro.

As torturas mais atrozés, com os detalhes mais prolixos que a maldade humana pôde inventar, os esperavam. O Lopez considerou aquella feita grande victoria e mandou cuhar, para celebrá-lo, a medalha de «Acayoasá», não se lembrando da tremenda desforra que tomaram no mesmo dia as nossas bayonetas, juncando de centenaes de cadaveres o mesmo logar.

A guarnição de Humaytá, sitiada por todos os lados, abandonou-a e refugiou-se perto do Anday, fortificando-se em um longo albardão, que entrava pela immensa lagôa Vera, que os nossos soldados denominaram dos «Juncos», e cujas aguas já estavam sulcadas por escaleres da nossa esquadra e chalanas, guarnecidos por soldados e marinheiros, commandados pelo valoroso e illustre camarada, capitão-tenente Steeple, secundado por outros distinctos officiaes, entre os quaes sobresaía o joven e galhardo tenente Julio de Noronha, hoje a figura de maior destaque na nossa marinha de guerra pela patriotica firmeza com que tem trabalhado para dar-lhe lustre e collocal-a na situação que deve occupar em o nosso continente.

Na lagôa, luzia a esperanza de salvamento para os paraguayos, que haviam transportado para lá as canôas em que transpuzeram o rio.

Para protegel-os na retirada, vi-eram forças pelo interior, que investiram á nossa esquerda. Travaram-se combates incessantes na lagôa e no albardão, onde o Tiburcio collocára o piquete, que matou o correio inimigo

A' noite, essas luctas assumiam proporções phantasticamente tragicas. As canôas paraguayas, cheias de guerreiros, com as mulheres e os filhos, tentavam romper a nossa linha de escaleres e chalanas ; o manto lobrego das trevas estrellava de lentejoulas scintillantes : eram os pyrilampos da morte, que voavam das almas das carabinas, rubros como o sangue que derramavam.

Depois, mais e mais, achegavam-se, e, corpo a corpo, a lucta travava-se furiosa. Feridos, caíam alguns no fundo dos barcos : eram os mais felizes. Os outros submergiavam-se com os mortos, seus companheiros, entre os juncaes da lagôa historica. No dia seguinte, o sol illuminava cadaveres mutilados pelo sabre e machadinho de abordagem. Boiavam placidos, ao lado uns dos outros, com os odios apagados pela morte, os inimigos da vespera.

Bem poucos conseguiram romper o circulo de ferro e fogo que os apertava para recommençar na noite seguinte, e novamente eram reppellidos.

A matta densa do albardão da esquadra foi limpada pela metralha. O espaço que separava a trincheira que construimos, ás pressas, da paraguayá fronteira, estava como si tivesse sido derrubado a machado e roçado a foice e facão.

O coronel Martinez, commandante da celebre fortaleza, fazia esforços heroicos para romper as nossas linhas.

No dia 28 de julho, uma força nossa, commandada pelo tenente-coronel Carlos de Magalhães, foi atacar o leão no seu reducto. Foi repellido e morto o illustre official, cuja alma religiosa e honrada o faria um typo digno do maior respeito e admiração. Foi uma grande perda para o nosso exercito. As tentativas de retirada pela lagôa no principio de agosto, já eram mais fracas, e os combates no albardão menos frequentes.

Um dia, dos ultimos, o Dezeseis foi render alli um outro batalhão. Commandava duas peças o meu saudoso amigo João Felicio dos Santos, então 2º tenente. A' tarde, os paraguayos tirotejavam connosco frouxamente. O alferes Figueredo, um temerario, saíu da nossa trincheira e aproximou-se da inimiga, de espada desembainhada.

Todos ficámos attonitos. O official vociferava furioso, desafiando o commandante paraguayano. As balas choviam sobre elle e nenhuma lhe tocava. Chamavamol-o, e elle nos gritava :

—Quero ensinar a esses diabos.

O Tiburcio foi avisado, viu-o naquella louca exaltação, e deu-me ordem para trazel-o preso. Lá fui cumprir mais esse arduo dever.

Dei o braço ao camarada, que não tivera um accesso de loucura, e levei-o até á presença do commandante, que



o reprehendeu com severidade. Por essas e outras, é que os soldados diziam que «ninguém morre antes do dia marcado».

Na manhã seguinte, antes de sermos rendidos, notei com o João Felício que tinha cessado o fogo na trincheira inimiga; mas viamos bayonetadas e altos de barretinas além da crista do parapeto. No flanco esquerdo, por trás de umas arvores grossas, appareciam vultos, espiando-nos. Tinhamos naquella epocha bons atiradores e nós mesmos difficilmente erravamos o alvo, áquella distancia. Fizemos muitos tiros, e os vultos, e as barretinas e as bayonetadas ficaram immoveis. Era estranho. Chamei alguns homens, transpuz, com elles e o João Felício, a nossa trincheira pelo flanco e, abaixados, a marche-marche, pela beira da lagôa, chegámos á posição inimiga. Estava abandonada. As bayonetadas que viamos eram de armas encostadas ao parapeto, e as barretinas estavam em varas fincadas na banquetta. Os vultos que appareciam por trás das arvores, eram cadaveres atados a ellas com cipós.

Nesse dia, 5 de agosto, que foi o ultimo da lucta encarnizada, o coronel Martinez renden-se com todos os seus valentes companheiros. Recebemol-os como mereciam. Tratámol-os o melhor que nos foi possível. Conversavamos com elles, como camaradas. Não se via nas physionomias da nossa gente, um vislumbre de odio. A desgraça daquelles centenares de bravos nos commovia. Para que negal-o? Eu os olhava com sympathia, porque conhecia-lhes a bravura. Cumpriam o mais sagrado dos deveres, defendendo a sua patria invadida; mereciam, portanto, o respeito dos que sabiam tambem amar a terra em que nasceram.

O tratamento, que demos durante a guerra aos nossos prisioneiros, devia ter feito nascer em seus corações sentimentos de affecto e de gratidão para os seus vencedores. Por isso, quando contavam, no Paraguay, as atrocidades praticadas por legalistas e rebeldes na ultima guerra civil que ensanguentou o solo brasileiro, ninguém lá acreditava. Todos protestavam, dizendo: Não é possível. Os brasileiros não são cruéis — não podem degollar os seus irmãos. Nós conhecemos so-bejamente a bondade da sua alma; tudo isso que dizem é falso. —

Depois da visita ao campo dos prisioneiros, que fôram logo mandados para Humaytá, fomos ver as suas fortificações no longo albardão.

A memoria estremece ao recordar aquelle quadro, horrorosamente pungente.

Nas proximidades das trincheiras, tropeçavamos nos cadaveres inchados e desformes dos nossos camaradas,

que caíram no assalto inutil de 28 de junho. No fôssô, havia tambem alguns em decomposição adeantada, cobertos por nuvens de moscas, que esvoaçavam em ronda macabra, num zumbido atordoador. Com os braços pendidos para dentro, a cabeça na crista, rachada de meio a meio e o corpo agarrado ao parapeto, por um prodigio de equilibrio, vimos um soldado do 5º. Foi um valente que alli tombou para sempre, e cujo nome nenhum de nós conhecia.

Descobrimos-nos deante daquelle montão de carne putrefacta, que ia, em poucas horas, adubar ainda mais aquella terra prodigiosamente fertil. O nosso olhar de admiração foi a unica homenagem que tiveram aquelles heróis, tão humildes e, por isso mesmo, grandes.

No recinto, que scenario!

Homens e mulheres, velhos e creanças em pedaços, com olhos vasados, labios arrancados, pernas e braços dilacerados, craneos furados com os miolos de fóra, os ferimentos mais horriveis e a gangrena ennegrecendo os bordos estiomenados e purulentos. Uns, deitados no chão humido sem uma rama sequer; outros, os menos mutilados, encostados a troncos de arvores. O valente coronel Martinez, que resistira duas semanas e capitulou com honra, estava exausto. Era um bello homem, de porte varonil, alto e loiro e parecia com o outro Martinez, que perdemos no dia 18 e que, morrendo, soffreu menos, certamente, do que elle.

Diziam que a sua esposa, que deixára em Assumpção, era um typo de graça e de belleza e muito amada.

Contaram-nos, muito depois, que o Dictador, ao receber a noticia da rendição, mandou buscal-a preza, e expôl-a em plena nudez á soldadesca brutal, que lhe infligiu com ferocidade os mais cruéis vilipendios e por fim fez as alvas carnes maceradas saltarem aos pedaços das pontas dos seus azoragues, até que, desfallecida, na mais acerba das agonias, exálou o ultimo suspiro. El Supremo, algoz do seu povo, vingára-se na innocente esposa, das paginas gloriosas que o marido escrevera na historia paraguaya.

Nada mais tinhamos que fazer no segundo Chaco. Deixámol-o na primeira decada de agosto, para nos reunirmos ao grande exercito, que ia marchar para o Tebiquary, onde nos esperava o Dictador.

DIONYSIO CERQUEIRA.

(Conclusão)

### “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro trimestre d'OS ANNAES.

### De como se prova que trez mil réis não são dinheiro

—Ora, compadre, deixe-se de historia! Pois você, homem escarmentado e mão apertada, como macaco no galho? Não, não póde ser, não me entra pela cachóla nem á mão de Deus padre.

—Tambem o compadre vem sempre com a sua má fé mais a sua gargalhada. Queria vel-o na entaladella em que me achei. Queria vel-o e ver como era, após, que você se tinha em postura de homem e não postura de animal.

—Ora, mulheres! Mulher, para mim é mesmo que urna de osso de defunto rico, compadre; por fóra, muita pintura, muito raminho e cruz de enfeite; mas por dentro, bobage... Pódem ellas passar ali ao centenario, piscando olho, sacudindo braço, apertando saia naquelle passinho leve de jurity da matta; está aqui quem não nas olha nem lhes dá importancia.

—Tambem o compadre é porque tem lá a comadre Pulcheria e mais o seu raucho que lhe cuida de tudo. Agóra eu que não tenho rapariga ao menos e que sou sempre arrenegado pelo mulatame que procuro! Queria agóra o compadre que eu fôsse rejeitar o peixe! Defunto não engeita cóva, compadre!

—E' é; mas quem busca lã sáe tosquiado. Para que o compadre se deixou engasopar pela megéra da me-retriz? Fôsse andando seu caminho, fôsse andando e deixasse ella a faceirrar com outro, porque o que ellas querem é bispar o dinheiro, compadre, muita dinheirama! Chega dá até vontade de rir. Pois o compadre! que vem de S. João com seu negocio todo o mez e devia já estar precavido contra a lambança dessas mulheres! Ora, compadre, cóce-se! Mas conte lá como foi isso, afinal.

—Ora como foi! Muito catholicamente. Tráz-ante-hontem, eu estava tinindo sem vintem e só contava receber dinheiro hoje; mas vou no meu quarto, me recordo que tinha lido uma taboleta na rua da Carioca: *Compra-se roupa usada*, e considero mesmo com meu espirito: Ora, Fernando, tu estás sem vintem, aborrecido da vida e só verás dinheiro depois de 3 dias da venda do teu producto e, no emtanto, tu tens uma *toalete* nova que já pagaste e uma velha que tu já não usas mais. Váe vender esta pr'o homem daquella taboleta e váe te divertir, váe cair no mundo, rapaz! Mal pensado logo executado, compadre. Peguei da rouparia sovada lá nos pagodes de S. João, abri um jornal grande como o campo do primo Manoel e enrolei tudo e tóca p'ra rua da Carioca.

Que roupa é? me indagou o estrangeirado da loja, e eu fui e disse: é roupa

fin de S. João, desengate do jornal e veja! Pois bem o tal homem dito abriu o fardo, olhou, tornou olhar, botou defeito e me diz a mim: então quanto quer? Faça o seu avaliado, homem de Deus! Bom, diz elle, isto váe me dar um trabalhão, mas enfim dou-lhes trez mil reis; quer? Trez mil réis, compadre! Uma *toaleta* que me custou cento e cincoenta mil réis! Tá bom, avento eu, dê ao menos os quatro. Não, nada mais—fez o homem com o beijo e com o dedo. Se valesse quatro ou dava quatro, mas não vale.

Tá bom *seu*, fique com a fazenda! E o homem logo passou-me duas pelegas velhas coma a Sé de Braga, (que me perdõe Nosso Senhor) e vim tirando corpo fóra. Ora, com trez mil réis, malnquei eu, tenho nicoláu até dia da finalisação do meu negocio. Tóca então a ir tomar um café de Britto e fumar um charuto de doutor. Daqui então, meu compadre, foi que ségui pela perdição daquella tal de rua do dr. Senador Dantas.

—Xi! para onde logo embixou *você!*

— Bem ia eu no meu passo para o passeio da Lapa e váe quando não, uma daquellas extratadas como catanga de cangurú que a gente cheira de longe, me diz, rindo com um riso que parecia o riso da donzella do tio Pedro: pois, filhiuho, eu não ia fazendo uma asneira? E váe eu e me rio. E diz ella: pois ia fazendo uma asneira. Calcula tu (desta liberdade de tu, compadre, foi do que mais gostei) sim, calcula tu, tornou ella, que eu ia tomando o bonde sem dinheiro. Mando-o parar e quando estou quasi dentro foi que me lembrei disso e voltei de novo e o povo todo que ia nelle me olha com desconfiança. Aqui, ella soltou uma risadaria de bolir com a gente e ria, compadre, ria que era um nunca acabar e eu tambem, já se vê, como se diz no brinquedo do «fui por um caminho, encontrei um passarinho... E, ao depois, váe ella e me conta que a vida era tambem uma asneira, que o theatro era asneira, que os moços eram muitas asneiras, que os assucedidos de uovembro eram asneiras, que tudo era asneira, até eu e ella! E com tanto feitiço de graça que eu só resisti tambem de fazer um asneirão porque não tinha dinheiro grosso como ellas gostam p'ra fazer asneira!

— E afinal, compadre?

— Afinal, eu digo: deixa-me ir embóra. Adeus, belleza! Não vás, não vás ainda, amorzinho, retornou ella, e tóca a contar-me uma porção de anedoctas, como as do boticario Cosme lá de S. João, que eu já ria até pelo cotovello. De repente eu convidei ella para dar uma viravolta no bonde, dizendo que o meu dinheiro só dava para isso. Qual viravolta, idolatrado, isso é uma grande asneira.

Então não tens dinheiro ahi?

Não, não tinha dinheiro para uma dama daquella.

Nem ao menos dois mil réis?

— Ora, madama, tambem se não tivesse dois mil réis era melhor não ser gente!

E passei-lhe os dois mil réis e está porque estou de novo sem nicoláu e sem conversa e dixei, dixei daquelle mulherzão, compadre! E' como se eu não tivesse vendido a minha *toaleta* pelos trez mil réis.

— Ora, sim senhor! Trez mil réis! Nem roupa velha, nem trez mil réis, nem mulher bonita, nem passeio da Lapa.

— Tambem o compadre péga e váe logo pela perdição da rua do dr. senador Dantas! Trez mil réis não são dinheiro, compadre!

— Eh! Eh! Eh! Compadre, lá isso é, trez mil réis não são dinheiro!

FRANCISCO SERRA.



## APONTAMENTOS

PARA UM DICIONARIO DE CELEBRIDADES

CAMPOS (Bernardino de) celebridade á força — pois difficilmente a vida publica desse inoffensivo cidadão explica a enorme publicidade que se dá ao seu nome e aos seus gestos. Esse paulista, de quem S. Paulo se orgulha, como do seu maior filho, nasceu em Minas. Como presidente do Grande Estado, fez uma administração qualquer, sem perfeito bem, nem grande mal (*non ragionari di lor*). Na sua passagem pelo ministerio da fazenda, deu á emotividade nacional a occasião unica de provar a esponja de fel do cambio de seis *pence*, e a sensação forte, o arrepio deliciosamente tragico, que lhe proporcionou a visinhança do cairel do abysmo da bancarrota... o que póde não ser uma metaphora muito nova — mas é verdade. A sua visão de financeiro perturbou-se um pouco, nesse tempo, e como se tratava de fazer subir qualquer coisa, em materia cambial, fez subir a libra a quarenta mil réis. Entretanto, a Historia julga esses traços da sua vida insufficientes para lhe darem a notoriedade que neste momento o rodeia, e ainda menos para lhe grangearem os apodos que lhe andam a atirar. O sr. Campos não é máu homem, é um cidadão pouco interessante, de quem geralmente se tem o pessimo gosto de dizer mal.

BARBOZA (Ruy), aguia bahiana, ta' lento vasto e poderoso como o oceano, invencivel Hercules da palavra e da penna. A aguia tem desferido mil vôos ás alturas inatingiveis da intelligencia, e hoje, do seu retiro philosophico, pousa o olhar tranquillo e genial sobre a planicie extensa da mediocridade, onde nós outros mortaes vivemos, sequiosos da lympha ora escondida. Nos dias tragicos das tempestades sociaes, o Oceano tem rugido em furias patheticas e vingadoras, e nas pelegas da imprensa e da tribuna o Hercules cem vezes ha derrotado a calumnia formidavel; mas a hydra fabulosa se transforma em lagarto torpe, para renascer mais tarde, cobarde e de antemão vencida.

Nas horas solemnes em que sua alma se concentra, e como o arco retezado, o seu espirito ganha a tensão necessaria a um grande Combate, aquella corpo franzino e melancolico apparenta a soberania epica de um gladiador—e ai de vós, pusillanimes e nullos, o seu grande orgulho não se move á piedade, sois esmagados duramente e para sempre.

\* \*

NESTOR VICTOR, escriptor paradoxal e risonho, auctor de um romance recreativo-philosophico, intitulado *Amigos, amigos, negocios á parte*. Escreve e ri, verseja e ri, critica e ri, ensina e ri. Não é um homem, é um dos seus *Signos*, é o Rictus. Desta arte, cumpre a sua missão no planeta, que é cultivar a Blague, a Hydra que os primorosos Goncourts definiram á altura de um factor social. Não pensem, pois, que os seus signos spectraes, a sua psychologia homœopatica, sejam o que parecem dizer os seus escriptos. Não! *Blague*, grande *blague*, extraordinaria *blague*! O sr. Nestor Victor não é romancista, não é poeta, não é critico! Mystifica-nos impiedosamente — e ri, ri de nós, que lhe chamamos com reverencias o illustre poeta, o profundo critico, o notavel romancista. Mas perdoemos-lhe o imperdoavel debique, porque o damnado tem talento, trabalha e ainda um dia se nos mostrará de novo, com sinceridade e simplicidade, o Nestor Victor vice-reitor de collegio, que em tempo conhecemos.



## “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro trimestre d'OS ANNAES.

## CARTA A UMA MULHER

Agradeço, mulher, os prazeres lascivos  
Que dás, sem o saber, aos meus nervos enfermos,  
A graça original dos teus vestidos vivos  
Passeando n'estes ermos.

Talvez porque me isolo em meu ser longos mezes,  
Ao deixar o castello hespanhol do meu sonho  
E por a alma na rua, adoro os entremezes,  
O futil, o risonho.

Nos passeios, admiro, em febril movimento,  
Os deboches do gosto, a audacia do esquisito,  
As orgias floraes dos chapéos de espavento,  
E a tudo isso palpito!

O alegre carnaval do luxo acompanhando,  
Erro, doido, a seguir damas que desconheço,  
E sinto-me feliz si machuco, passando,  
As sedas d'alto preço.

Namoro a exposição multicolor das roupagens,  
Os caprichos que a móda exhibe em suas tendas,  
E páro a contemplar, ao rodar das carruagens,  
A oscillação das rendas.

Adoro, nos salões, dos leques ao meneio,  
A perfidia gentil da cassa revellando  
A indiscrição do olhar, a opulencia de um seio  
Suavemente ondulando.

Quero as caudas reaes descendo, magestosas,  
Os marmoreos degráos dos palacios; e a fina  
Graça, o encanto subtil das phrases maliciosas  
Em bocca feminina.

No Lyrico, amo vêr, arfando á luz, empoado,  
Entre joias, um collo assomar insolente,  
Ao bizarro impudor de um corpete rasgado  
Escandalosamente.

Assim, vindo turbar a calma vida agreste  
Sem ninguem esperar que viesses a estes ermos,  
A forte sensação do imprevisto trouxeste  
Aos meus nervos enfermos.

Meu retiro habitual não entres muitas vezes:  
A' graça original do teu vestido vivo,  
Prefiro a Graça, a Paz dos solitarios mezes  
Que na minh'alma vivo.

LEAL DE SOUZA

## A MORTE DO SOL

(LECONTE DE LISLE)

Ruge o vento do outomno, e, aos fogos do arrebol,  
Num adeus immortal, numa canção sentida,  
Balouça tristemente, ao longo da avenida,  
As arvores banhadas do teu sangue, ó sol.

A folha em turbilhão revôa, sacudida,  
E fica-se oscillando em mar sanguinolento,  
Aos rubores da tarde, em gyro somnolento,  
Os ninhos a pender da rama já despida.

Tomba, ó glorioso sol, do intermino esplendor!  
D'ouro a gloria em lençóes te escorre da ferida,  
Qual do peito se escôa algum supremo amor.

Morres, mas voltarás, fonte eternal da vida!  
E quem restituirá do ser a luz querida  
Ao morto coração, na derradeira dôr?

VIRGILIO BRIGIDO.

## IMAGEM SOBERANA

E' de um sonoro marmore sagrado  
A estatua de mulher, serena e leve,  
Que, um dia vão da minha vida breve,  
Encontrei neste parque abandonado.

Quantas horas, no tempo infindo, estive  
Entre os jasmíns o marmore olvidado?  
Tem-se, apesar dos annos, conservado  
Tão branco e puro e casto, quanto a neve!

... Porque has de um dia, imagem soberana,  
Despertando da eterna, idéal, pureza,  
Trocar, pela fatal carícia humana,

A existencia da forma immorredoura,  
O destino fecundo da belleza,  
A divina mudez evocadora?

LEOPOLDO BRIGIDO.

## TRIO ROMANESCO

A ti, Archangelus, meu irmão.

*Uma aldean que passa cantando:*

O coração humano é como os jasmineiros:  
Tem mais perfume quando as noites são de luar...  
Que lua ha de florir os meus sonhos primeiros,  
Mais brancos que os jasmíns da terra de além-mar!

*Um velho sentado á beira da estrada:*

O coração humano é como as sepulturas:  
Póde conter a morte e ser como um jardim...  
Fechadas para sempre estão as azas puras  
Das esperanças que adejaram sôbre mim!

*Um poeta que segue a aldean:*

O coração humano é como as laranjeiras:  
Floresce um mez e espera outro setembro em flôr...  
Ah! quando voltarão as illusões primeiras  
Para outra vez florir o meu finado amor!

ALPHONSUS DE GUIMARAENS.

## • BISMARCK, INTIMO

O METHODO DA VIDA DO CHANCELLER DE FERRO — AS EVOCAÇÕES DO SEU PASSADO—REVELAÇÕES DO BARÃO MITTNACH, NUM LIVRO RECENTE.

O principe de Bismark, discipulo de Talleyrand, não tinha confidente, mas tagarellava muito á meza, onde se demorava, depois dos bons petiscos, abundantemente regados, fumando o enorme cachimbo e renovando, sem cessar, o enorme chopp.

Nesses momentos de abandono, o principe falava dos negocios politicos e diplomaticos, dos trabalhos do dia, com quem conversava em familia, desfazendo-se das multiplas preoccupações, que lhe oberavam o espirito.

O recente livro do barão de Mittenach—*Lembranças de Bismark*—é um vivo esboço do Bismark familiar, muito differente do das *Memorias* e da *Correspondencia*, o estadista explicando á posteridade os seus planos e justificando a sua politica.

Conta essa testemunha da intimidade que a ascensão de Guilherme II ao throno despertou no chancellor de ferro grande inquietação pelo futuro e por sua situação pessoal.

Bismark percebia diminuida a sua auctoridade, porque deveria contar com o novo soberano voluntarioso, inquieta, demasiadamente sedento de renome, de gloria.

O pensamento do seu papel no futuro torna-se uma verdadeira obsessão; alguma coisa mudará na Alemanha, uma peça nova fôra addicionada ao mecanismo politico e essa transformação tirava o somno ao chancellor, apesar dos soporiferos que elle tomava para se libertar das longas insomnias.

E, todavia, pela manhã cedo, elle estava á sua meza de trabalho, examinando todos os papeis de Estado com redobrada actividade. Queria saber tudo, conhecer minuciosamente as correntes de opinião e o pensamento do jovem imperador, recomendando ao filho Herbert a maior prudencia, a mais absoluta reserva.

Por vezes, considerando a visivel mudança de situação, elle immergia em funda tristeza e fazia longas diversões pelo passado, evocando as recordações da sua longa carreira de estadista, os acontecimentos antigos, do tempo em que no epogeu da gloria e do poder, elle era o conductor da politica internacional.

— Amei muito — dizia elle — o defunto imperador, a quem era sinceramente devotado e reconhecido. Era um bom homem, mas estava muito mudado, nos ultimos tempos da sua vida: não era o mesmo para commigo; não ligava, como outr'ora, muita im-

portancia ás minhas idéas; meus relatorios o desgostavam; muita vez, nem os lia; ouvia-me sorrindo quando eu lhe falava.

— Bismark, Bismark — repetiu — produziu em mim o effeito de um malabarista com as suas quatro bólas.

Nos ultimos dias de fevereiro de 1889, Bismark, ao sair de uma audiencia do imperador, parecia mais abatido, mais aborrecido que de costume.

— Falámos dos meus negocios — disse o chancellor ao barão de Mittenach — Exerço muitas funcções; acumulo muitos empregos. Aconselhei ao imperador dividir a minha herança, quando eu houver de deixar o poder. Não é conveniente que um só homem concentre tamanha auctoridade.

Depois, como os velhos, ao perceberem a aproximação do declinio, elle evocava de novo o longinquo passado.

— Em 1866, o rei quizera continuar a guerra com a Austria e penetrar a Hungria. Seu desejo era tomar um pedaço da Bohemia, a maior parte de Saxe e Bayreuth. As minhas objecções tanto o superexcitaram que elle chorou. Eu mesmo estava extremamente commovido. A intervenção do principe herdeiro trouxe, felizmente, uma solução favoravel. O pobre soberano, entretanto, sómente deu o seu consentimento definitivo depois de declarar, com lagrimas nos olhos, que acquiescia a essa paz vergonhosa, porque o seu chancellor o deixára em branco deante do inimigo, tendo o seu proprio filho tomado o partido do ministro.

Quanto á guerra com a França, o soberano, ajudado pelos conselhos da imperatriz, consentira nella de má vontade.

— A impressão do despacho de Ems, a 13 de julho de 1870, foi inteiramente desanimadora. Mas depois de eu condensal-o produziu um effeito contrario. E' uma provocação a toque de corneta — exclamou von Moltke. O despacho foi resumido, publicado, immediatamente, e communicado á todas as embaixadas. Ainda durante o regresso a Berlim o imperador concedia, apenas, a mobilisação de trez corpos de exercito e sómente se decidiu pela mobilisação geral, quando fui ao seu encontro e dei-lhe conhecimento dos ultimos debates da Camara de Pariz. O principe herdeiro exclamou, então, em voz alta, pelo postigo da carruagem:

— Mobilisação, guerra!

Isto provocou uma immensa agitação popular, como o chancellor jámais presenciára em sua longa vida publica, propagando-se pelo povo com o mesmo crescente entusiasmo, em todas as estações até Berlim.

— E como tudo isso váe longe? — accrescentava o chancellor, com um

suspiro, como si visse descambar no occidente aquella estrella propicia que lhe illuminára o caminho nessa obra monumental de construir povos, de concluir brilhantemente pela exclusão da Austria, pela desmoralisação da França, destituida das tradições napoleonicas, a unidade da Allemanha, sob a hegemonia da Prussia.

Essas reminiscencias lembram que a grandeza dos povos está dependente do capricho, das prevenções dos soberanos pretendendo serem superiores aos homens de genio que os servem. A grandeza e a força da Allemanha fôram obra de Bismark, o malabarista de jogo maravilhoso no scenario vacillante da politica internacional, o escamoteador de paizes, sempre mal comprehendido, sempre mal apreciado pelo seu soberano quando expunha as bases dos seus admiraveis planos.

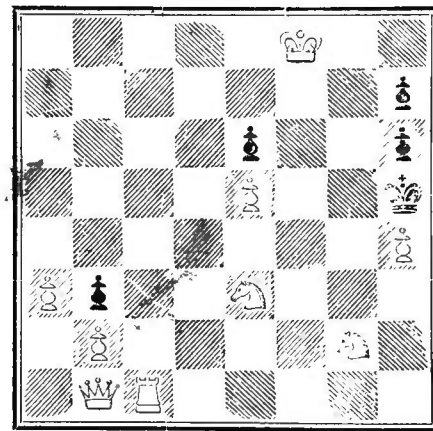
Póde-se affirmar que foi resistindo ao rei, com vontade de ferro, que Bismark conseguiu engrandecer a sua patria.

### “Os Annaes”

Vendem-se collecções, primorosamente encadernadas, do primeiro trimestre d'OS ANNAES.

### DIVERSÕES

Problema 11. 23 — PRETAS



BRANCAS

As brancas jogam, e dão mate em dois lances.

### O CONGRESSO

O Congresso Nacional não iniciou, hontem, os seus trabalhos, como é de praxe e de lei. E' possivel que o faça hoje, para satisfação geral do Paiz, dos srs. senadores, dos srs. deputados, dos srs. respectivos empregados e nossa, sobretudo, porque o facto dá ao artigo do sr. Ramalho Ortigão — *A abertura do parlamento* — publicado nas *Paginas esquecidas* deste numero dos *Annaes*, a mais absoluta oportunidade.

Ainda sob encommenda, a carapuça, como terão visto, não podia ser mais perfeita.